

HOMOSSEXUAIS IDOSOS E SUAS VIVÊNCIAS PANDÊMICAS DO HIV/AIDS E DO SARS-COV-2: SIMILARIDADES E DIVERGÊNCIAS ESTIGMATIZANTES

Elberth de Oliveira Bertoli ¹

RESUMO

Este artigo pretende compreender a forma como os homossexuais idosos lidaram com a pandemia do novo coronavírus, tendo como background as experiências obtidas no período em que o HIV se disseminava pelo mundo e causava mortes na comunidade LGBTQIA+. Esses indivíduos sofreram os impactos de duas pandemias que refletiram sobre suas condições físicas, psicológicas e, sobretudo, sociais. Sentimentos de solidão, medo e angústia foram relatados de maneira contundente, além de expressar os sentimentos de tristeza pelas perdas registradas em ambos momentos pandêmicos. A obtenção desses dados foi realizada por meio de entrevistas por videochamadas e conversas em aplicativos de comunicação escrita e falada. Similaridades e diferenças foram encontradas nas formas que as pandemias foram vividas pelos gays idosos, demonstrando o quão é impactante determinados eventos na existência de um grupo social estigmatizado pelo preconceito.

Palavras-chave: Pandemia, HIV, COVID-19, Velhice, Homossexualidade.

INTRODUÇÃO

Os eventos pandêmicos causam impactos que desorganizam diversos elementos constituintes de uma sociedade: política, legislação, saúde, educação, cultura, ecologia e outros mais. E diversos deles foram catalogados ao longo da história da humanidade. (FERRAZ, 2020, p. 1). A pandemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) foi um acontecimento cuja enfermidade gerou consequências na população global, criando um estigma social a um grupo específico da sociedade brasileira: os homossexuais (COITINHO, 2020). Idosos gays com 60 anos ou mais, vivenciaram esse momento durante a sua juventude, nos anos de 1980/90.

Neste período ocorreu o ápice da disseminação do HIV, gerando consequências impactantes sobre a vida sociocultural (Pinto *et al.*, 2007, p. 45). Não obstante, os homossexuais, que, hoje, estão com 60 anos ou mais de idade, passaram a ter mudanças ainda maiores, se pensados em termos de estigma, preconceito e violência. (PINTO *et al.*, 2007, p. 47).

Sendo assim, a tentativa de análise desses dois eventos, sob os olhares de pessoas que viveram os fatos na própria existência, torna-se chave de compreensão para um fenômeno

¹ Doutorando em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo – ES, elberthbertoli@gmail.com

Segundo Figueiredo e Araújo (2021), ainda não será possível ter uma confirmação da população LGBTQIA+ por meio do censo demográfico brasileiro, pois perguntas relacionadas à sexualidade desta coorte não foram inseridas no questionário do IBGE de 2021, ou seja, não haverá acesso a essas informações quando esse for lançado a público. Porém, o Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX) conseguiu colher dados que tentam mostrar um delineamento etário da população brasileira que faz parte da comunidade LGBTQIA+. (SOUZA *et al.*, 2020, p. 7).

Segundo os resultados alcançados pela pesquisa – obtida através de 9.309 respostas totais, sendo dessas, 8.918 utilizadas como “base oficial” –, a porcentagem de pessoas LGBTQIA+ idosas no Brasil é de 1% (SOUZA *et al.*, 2020, p. 23-24). Sendo as regiões Centro-Oeste (0,5%), Sudeste (0,4%) e Sul (0,1%), as únicas que contabilizaram participação na pesquisa. Um dos fatores para tão baixa adesão por essa faixa etária, segundo SOUZA *et al.* (2020, p. 22), é o fato de que a sua realização foi mediada por grupos existentes no Facebook, onde a maior parte de seus inscritos são jovens LGBTQIA+.

Um outro relatório foi realizado pelo TODXS (2020, p. 11), uma organização sem fins lucrativos “que promove a inclusão de pessoas LGBTI+ na sociedade com iniciativas de formação de lideranças, pesquisa, conscientização e segurança”. O resultado desse mapeamento de perfil obteve o percentual de 2,39% de pessoas nascidas antes de 1970. Para os pesquisadores, o número de pessoas idosas participantes da pesquisa também é reflexo do meio utilizado para coleta de respostas, as redes sociais digitais.

Sendo assim, o relatório do TODXS possui algum déficit na entrega dos resultados, pois não fez comparativos com as informações dadas pelo IBGE de 2010, no que se refere a dados demográficos com pessoas com idade igual ou acima de 60 anos de idade (TODXS, 2020, p. 25). Não tão distante, a pesquisa oferecida por Souza *et al.* (2020), faz apenas uma pequena comparação com os resultados obtidos pelo IBGE e pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), informando somente que o percentual de pessoas com idade igual ou acima de 60 anos não se equipara às conquistadas pelas pesquisas informadas. Isso vem reafirmar a necessidade de ocuparmos as investigações científicas com o tema velhices LGBTQIA+, que é tão pouco percebido no meio acadêmico (DEBERT, 1998; GOMES *et al.*, 2020).

METODOLOGIA

Este artigo pretende, por meio de entrevista semi-estruturada (FRASER, 2004, p. 144), compreender a forma como os homossexuais idosos lidaram com a pandemia do novo coronavírus, tendo como *background* as experiências obtidas no período em que o HIV se disseminava pelo mundo e causava mortes na comunidade LGBTQIA+. Para que a Lei nº 13.709/2018, também conhecida como Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), possa ser seguida de maneira eficaz, os nomes dos participantes serão ocultados, dando-lhes codinomes, para que o leitor consiga diferenciar e identificar os autores das falas.

Em tempo, este trabalho não conseguirá abarcar todos caminhos surgidos ao longo das entrevistas. Contudo, ele permite que outras pesquisas possam acontecer, uma vez que *envelhecimento e homossexualidade* são assuntos quase inexistentes no campo científico brasileiro. A urgência de temas relacionados a essa dupla condição humana, nunca foi tão importante na atualidade, uma vez que, segundo o IBGE (2015), a estimativa de pessoas idosas no Brasil é de aproximadamente 23,5 milhões, atualmente; podendo chegar a 58,2 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, até 2060. Porém, esses dados não possuem apontamentos com relação à sexualidade dos participantes.

Os dois participantes serão chamados neste trabalho com codinomes de Alex e Lúcio, tendo em vista a preservação da integridade física de cada um deles, além de sugerir “respeito à dignidade e defesa da vulnerabilidade dos sujeitos”, conforme a resolução 196/96 (CRUZ *et al.*, 2005, p. 30; BRASIL, 1996, n.p.). As entrevistas foram realizadas por intermédio de aplicativos de comunicação de vídeo e voz, entre os meses de julho e setembro, devido à distância que ambos se encontravam do pesquisador. As entrevistas duravam, em média, uma hora de diálogos e na medida em que iam surgindo algumas questões posteriores, outras eram realizadas, porém, com o menor tempo de duração (30 a 40 minutos). As perguntas buscaram resgatar as memórias vividas por Alex e Lúcio, no período da juventude e no momento atual brasileiro (HALBWACHS, 2008, p. 643).

RESULTADOS

Os participantes desta pesquisa são dois indivíduos gays que vivem com HIV desde o início da década de 1990 e estão com mais de 60 anos de idade. Essas duas características contribuíram para que o objetivo esperado pela pesquisa possa ser alcançado, a saber, uma comparação entre as duas experiências pandêmicas vividas por esses sujeitos. A primeira ocorrida no início dos anos de 1980 e a segunda, que foi considerada como pandemia em 11 de

março de 2020, pelo diretor geral da Organização Mundial da Saúde - OMS (BASTOS, 2006, p. 27; PINTO *et al.*, 2007, p. 47; ROCHA, 2016, p. 12; BERTOLI, 2021, p. 3).

Através dos diálogos, os interlocutores possibilitaram encontrar similitudes e diferenças entre os eventos pandêmicos vividos e que impactaram a vida social de ambos. Alex, ao final da entrevista, relatou o quanto foi difícil atravessar as décadas de 80 e 90, pois, assim disse: “aquele momento do HIV/AIDS, ele era uma dor que tinha sobre mim, mas que, também, tinha sobre meus amigos, sobre um grupo, gente jovem”. Essa percepção da dor e do sofrimento pessoal e coletivo pôde ser constatado, também, por Lúcio, que disse: “quando veio a epidemia de AIDS, e que ninguém sabia, nem os cientistas e os médicos, que a prevenção era sexual e que, portanto, a camisinha era a melhor forma [...], as pessoas ‘piraram’ geral”.

As falas de Alex e de Lúcio corroboram o que foi constatado por Almeida e Labronici (2007, p. 264), que esse desconhecimento sobre o vírus causou diversos impactos emocionais sobre toda a sociedade, na época em que se iniciou a propagação da infecção. O modo como o HIV atinge o organismo humano, ocasionando a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), trouxe determinadas concepções acerca da doença: “contagiosa, incurável e mortal” (ALMEIDA; LABRONICI, 2007, p. 264). Essas condições foram associadas aos que viviam com o vírus, gerando um estigma, sobretudo, aos homossexuais, aos travestis e às prostitutas.

Esta violência social gerada por uma construção sociocultural pautada no preconceito e na agressão contra os homossexuais (ROCHA, 2016, p. 31-32), gerou “auto estigmatização”, “vergonha”, “depressão”, “retraimento”, “sentimentos autodestrutivos”, “auto-isolamento”, “exclusão da vida social e de relacionamentos sexuais” e “suicídio” (ALMEIDA; LABRONICI, 2007, p. 266-267). Alguns desses sentimentos e, não obstante, questões psíquicas, puderam ser encontrados nos idosos desta pesquisa, quando relacionados ao COVID-19. Porém, ela não está associada a um estigma social, mas nas condições de isolamento e distanciamento que o SARS-COV-2 imprimiu para a sociedade. (RIBEIRO *et al.*, 2020, p. 392).

Segundo Faro *et. al.* (2020 *apud* RIBEIRO *et al.*, 2020, p. 417), o afastamento e o isolamento de convivência com os amigos, os familiares e o convívio com os demais da sociedade, no ano de 2020, gerou algum tipo de “transtornos de ansiedade, depressão e indícios de aumento de comportamento suicida em outras situações de pandemia”, fatos não muito distantes do ocorrido no período em que eclodiu, no Brasil, o surgimento dos primeiros casos e o desconhecimento sobre como lutar contra a pandemia do HIV.

Novamente, o que difere ambas as situações é o fato de que, com a COVID-19, não há um estigma a um grupo específico por conta da sexualidade, como ocorreu no período do HIV,

em que os homossexuais e as prostitutas”, por exemplo, foram os principais estigmatizados com a situação (ALMEIDA; LABRONICI, 2007, p. 264).

Todavia, os idosos sofreram, inicialmente, uma violência e foram alvos de preconceitos ocasionados pela falta de compreensão das pessoas, que estabeleceram a COVID-19 como uma doença de pessoas velhas. Segundo Coitinho (2020), esses indivíduos passaram a ser associados ao que chamaram de “grupo de risco”, mesma categorização feita aos homossexuais, no período em que os estudos científicos sobre o HIV não possuíam, ainda, muitas informações sobre o modo de contágio. Ainda, segundo Coitinho (2020), a materialização do estigma sobre as pessoas velhas, em ocasião da COVID-19, se deu por via de “memes e frases de efeito moral”, que foram disseminados por meio da internet, sobretudo, as redes sociais digitais, e o impacto desses conteúdos depreciativos foram sentidos pelos interlocutores desta pesquisa, tanto no período da década de 1980/90, quanto em 2020/21.

Com relação aos discursos da época em que a pandemia do HIV/AIDS ocorria, em referência ao modo como os estigmas e as categorizações eram feitas aos homossexuais, Lúcio diz o seguinte:

No Rio de Janeiro, acontece a primeira vez. Eu estou em Copacabana e vejo uma banca de jornal, um jornal... nunca vou me esquecer, assim “CÂNCER GAY! UM CÂNCER ESTÁ SE ESPALHANDO NOS ESTADOS UNIDOS... NÃO SEI O QUÊ... JÁ SÃO NÃO SEI QUANTOS CASOS”... era a AIDS já que estava chegando nos Estados Unidos. Eu falei assim: não é possível! Eu acabo de sair de uma repressão violenta, de uma infância fudida, agora que eu tô conseguindo ser um pouco mais livre, que eu tô conseguindo ter uma vida própria, que eu consegui entender que eu sou homossexual. Como é que surge uma história dessas? Que história é essa de câncer gay?

Esse relato demonstra o quanto a aplicação de categorias simbólicas pôde gerar impactos não somente na vida de Lúcio, mas em toda a comunidade gay daquele período. Com relação à denominação “Câncer Gay”, Brito e Rosa (2018) indicam que o seu primeiro aparecimento no Brasil, se deu em uma matéria jornalística difundindo o termo usado pelos americanos, em duas páginas, na revista Última Hora, do ano de 1983, no Rio de Janeiro. O mesmo termo dito pelo Lúcio.

Com relação à COVID-19, Borges *et al* (2021, p. 2) compreende que o estigma causado pela doença é a de marginalização das pessoas, enquanto elas estão em um processo de recuperação da doença, isolando-as do meio social – o que se faz necessário para não

contaminação de outros indivíduos, sejam eles, famílias, amigos, colegas de trabalho ou quem entre em contato. Contudo, continuam os autores, criou-se o espaço do Covidário, fazendo alusão aos antigos “leprosários”, locais em que as pessoas eram submetidas ao tratamento de hanseníase (BORGES, *et al.*, 2021, p. 3).

Para Borges *et al.* (2021, p. 3), quando ocorre a associação entre a doença provocada pelo SARS-COV-2 e as pessoas idosas, atitudes de estigmatização e exclusão podem ocorrer de forma mais intensa e impactante, seja no âmbito social ou psicológico. Lúcio sentiu muito as condições de isolamento social, que o obrigou a ficar em casa, sem acesso a nenhum contato com outra pessoa, a não ser sua mãe, também, idosa. Ele declarou o seguinte, com relação a essa circunstância que o aflingiu:

“Estamos trancados na nossa casa. Não saímos pra nada, a única que está saindo é a minha mãe, porque ela já tomou as duas doses da vacina. Então, ela vai ao supermercado, no máximo. O resto é pedido por *delivery*. A situação aqui em São Paulo, muito em breve, vai... Ai, não gosto nem de falar... A coisa já tá ruim demais e as notícias são as piores possíveis. [...] Os números são assustadores. [...] Então, assim... Ah, uma angústia horrível, a gente não tá nem conseguindo lidar com a situação.

Pela fala de Lúcio o impacto causado pela pandemia do SARS-COV-2 deu-se sobretudo no aspecto emocional, em que os sentimentos de angústia, medo e preocupação apresentaram ser mais fortes. Também foram pautados por ele, o modo como lidou com o coronavírus e vivência com o HIV, assim disse: “eu ainda tenho um agravante nisso tudo: minha saúde é fragilizada por conta da AIDS, que tive quando mais jovem. Hoje, a velhice se tornou um peso muito grande e preciso me preocupar em não pegar esse troço”. As questões emocionais são as que mais apareceram em nossa conversa.

No olhar de Alex os dois momentos pandêmicos são distintos, pois, na sua juventude, o que estava em jogo era a sua sexualidade, enquanto, na sua velhice, o que entra na dinâmica das interações sociais é a estigmatização dos corpos envelhecidos e o fato dele ser uma pessoa idosa. Ele esclareceu da seguinte forma:

O grande paralelo da pandemia de COVID com HIV/AIDS é: como sobreviver a uma questão que me abate, mas que abate os meus, que leva os meus embora? Como ser um filho sobrevivente à COVID, que perdeu o pai há muito pouco tempo ou a mãe, sei lá o que for? Isso é uma tangência. Mas na questão do HIV, isso ia para outro caminho. Como vou sobreviver se eu perder meu grupo social, as pessoas com as

quais me identifico? [...] A pandemia do coronavírus me pega velho, certo? [...] A questão do HIV, nesse momento, já pesa muito menos, é uma questão muito menor, se é que pesa, muito menos que a própria velhice. Ficar velho... um homem gay ficar velho, é muito mais complicado que ser soropositivo.[...] A pandemia joga a gente para o isolamento. [...] A COVID-19 traz a velhice como pauta. O que não aconteceu com a homossexualidade. Existe o idadismo, o etarismo, muito preconceito, “velho tem que morrer mesmo”, “não serve pra nada”, “vamos desocupar o lugar no cemitério”. Eu não senti isso [esse preconceito], mas eu ouvi muito. E pega. Porque além de ser velho, você é viado. É o cocô do cavalo do bandido. Se eu morrer, serei muito menos chorado do que o vovô da família hetero. Socialmente falando não tem o mesmo peso. Isso eu senti.

Dourado (2020, p. 157), entende que as construções qualitativas realizadas pela sociedade brasileira em meio a pandemia do SARS-COV-2, poderia trazer de volta a “imagem de que o idoso é o velho que pode ser descartado, um ser improdutivo, um peso para o estado, a sociedade e as famílias”. E isso foi, de fato, sentido pelo Alex, porém, em uma camada muito mais profunda. A sua velhice está conectada com sua orientação sexual, o que permite sentir uma sociedade exercer a exclusão sobre pessoas velhas e ignorar a existência de que esses mesmos sujeitos possuem uma identidade que abarca uma sexualidade. Tal efeito de conhecimento traz à tona o superlativo de todos os pontos indicados por Dourado (2020, p. 157).

Outro tema pôde ser retratado durante a entrevista: a morte de entes queridos. Para Alex as perdas foram tão intensas e tão constantes, durante a pandemia do HIV/AIDS, que a compra de caixões para velar amigos era uma rotina semanal. As lembranças que transcorrem em suas memórias são de afetos e de muito pesar pelos que faleceram de HIV. Portanto, é a partir dessas mortes próximas, que ele entende a tragédia que se abate sobre a comunidade LGBTQIA+. Assim disse, dando continuidade a uma fala descrita acima:

Eu sempre lembro que aquele momento do HIV/AIDS era uma dor que tinha sobre mim, mas que, também, tinha sobre meus amigos, sobre um grupo, gente jovem. Eu falava: porra, esses caras têm 28 anos. Meu namorado tinha trinta, era um Apolo, enorme... não existia *barbie*² naquela época. Ele era uma *barbie*, enorme. Ele morreu com 42 quilos, um homem de 1.90m. Então, isso não foi fácil. Isso não foi fácil, mas passou.

² Barbie é referência aos homossexuais musculosos, que possuem corpos definidos ou que buscam a estética física como prioridade.

No comparativo com a pandemia do novo coronavírus, Alex fez a seguinte equiparação:

Dentre os males [a pandemia do SARS-COV-2] afetou o mínimo possível nas minhas relações. Eu perdi meu amigo, que era mais novo, e acabou. Mas, enfim, ninguém tá preparado pra perder ninguém, saca? Por mais que você amadureça, que você entenda a vida e tal, você não tá preparado pra perder as pessoas que você gosta. E a gente foi obrigado a lidar com isso o tempo inteiro, cara. Se a pandemia fez alguma coisa, ela socializou o drama.

O sofrimento pelas perdas, pelo recebimento do diagnóstico positivo, a rejeição familiar e o preconceito social eram vividos na solidão, durante a pandemia do HIV/AIDS. A sociedade, de maneira compulsória, impedia que esse momento fosse compartilhado com outros, negando o acesso aos afetos e aos cuidados. Com a pandemia do SARS-COV-2, permite uma universalização da dor, onde todos estão vivendo o caos ocasionado pelas perdas de pessoas próximas (BORGES *et al.*, 2021).

É possível, então, trilhar duas análises das experiências temporais. A primeira, esses indivíduos viveram suas juventudes homossexuais em meio às atribulações causadas com a chegada do vírus da imunodeficiência humana. E a segunda, na vivência da pandemia do novo coronavírus, esses mesmos sujeitos que envelheceram e se encontram dentro de uma coorte estigmatizada como “grupo de risco”, sofrem impactos ainda maiores, tendo em vista os preconceitos, as dificuldades de acesso à saúde e o isolamento que, na maioria das vezes, é compulsório a esse grupo (DOURADO, 2020, p. 158).

DISCUSSÃO

Os diversos eventos pandêmicos foram descritos ao longo da história da humanidade, por diversos autores preocupados em compreender o modo como esses acontecimentos impactaram a vida social das pessoas. Esses olhares buscavam, para além de questões biológicas, elucidar os caminhos necessários para retirar a população do conturbado momento em que viviam. Portanto, o que inicialmente aparece como prioridade, o combate a uma doença, se junta a outros fatores que surgem como um efeito “bola de neve”, ampliando para outras áreas: cultura, política, meio ambiente, etc. Com o SARS-COV-2 não poderia ter sido diferente dos demais acontecimentos patológicos que atravessaram o mundo em tempos anteriores (FERRAZ, 2020, p. 1).

Uma categoria específica de pessoas foi atingida e estigmatizada por apresentar características que a colocaria em uma espécie de “grupo de risco”: os idosos. Porém, pensar “velhice” de modo universal é entrar em uma equivocada compreensão de seu conceito, podendo existir diversas formas de vivências da mesma. Sendo assim, buscando tratar de forma mais objetiva e com performances ainda mais semelhantes destes indivíduos, este artigo buscou encontrar nos sujeitos gays vivendo com HIV, uma coorte onde pudessem narrar, através de entrevista semi-estruturada, duas vivências pandêmicas de alta relevância na história brasileira. A primeira, ocorrida no início de 1980, HIV/AIDS; a segunda, em 2020, SARS-COV-2 (BERTOLI, 2021).

Alguns aspectos referentes aos eventos foram equiparados pelos informantes e trouxeram resultados importantes para o campo científico. Primeiramente, a compreensão de que o sofrimento vivido em ambos momentos da história pessoal desses sujeitos, possuem dimensões sociais distintas. Na pandemia do HIV/AIDS, não havia compartilhamento do drama como ocorreu no momento em que o SARS-COV-2 começa a fazer milhares de vítimas pelo mundo. A solidão da comunidade LGBTQIA+ começa na própria impossibilidade de assumir a identidade ou orientação sexual. Ou seja, uma vez que o HIV foi associado à sexualidade, o estigma sobre o grupo foi instituído (BERTOLI, 2021).

Em ambos acontecimentos, o isolamento social foi característica profilática encontrada para buscar diminuir o número de infectados. Porém, o HIV foi personificado na figura dos homossexuais, provocando um isolamento pautado no preconceito, na violência e no escárnio. Diferente ocorreu com o momento do SARS-COV-2, em que o vírus não obteve uma associação com algum grupo, porém, trouxe diversos impactos na vida de pessoas idosas que foram impedidas de vários afazeres, por serem transformadas unicamente em “grupo de risco” (COITINHO, 2020).

A proximidade da morte aconteceu nos dois momentos, contudo, o olhar sobre a finitude de um idoso heterossexual e de um idoso homossexual, por parte da sociedade, pode ser diferente. Na primeira, a lembrança pode ocorrer de maneira direta, por meio da família, dos amigos, dos netos e dos colegas de trabalho, mesmo que a sociedade acredite na sua invalidez ou improdutividade. Na segunda, a própria existência enquanto homossexual e, ainda, velho, já seria motivo para sua extinção, não precisando de nenhum motivo sanitário para eliminá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ampliação das pesquisas sobre o tema “Velhices LGBTQIA+” se faz importante em nosso país, pois um número grande de idosos que se encontram dentro dessas identidades e orientações sexuais, não possuem visibilidade necessária para auxiliar em suas demandas tão peculiares, além de ser um tema que possui muitas camadas a serem aprofundadas e compreendidas. Além disso, esse grupo específico presente em nossa sociedade, pode ter sofrido maior avaria durante os ocorridos pandêmicos, pois, não somente suas condições físicas e psíquicas provindas de sua idade mais avançada estavam em jogo; mas, também, a maneira como o corpo social lida com o que é intrínseco à identidade dessas pessoas.

Essas qualidades, biológica, psíquica e sexual, são assuntos que sempre são debatidos em diversos campos científicos, porém, sob a perspectiva da juventude LGBTQIA+ ou, na maioria das vezes, sob uma perspectiva heterossexual. Isso demonstra a dupla exclusão dada a esses indivíduos. Que não seja necessário esperar outros eventos pandêmicos para trazer à pauta discussões sobre temas relacionados aos idosos LGBTQIA+, assim, fortalecendo as políticas públicas a fim de que, na chegada de eventos impactantes, eles possam estar protegidos e resguardados em sua existência e nos seus direitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Rita de Cassia Barreto de; LABRONICI, Liliana Maria. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 12, v. 1, p. 263-274, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/QSrNhTyZSkY87MjMSSNHprb/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.

BASTOS, Francisco Inácio. **Aids na Terceira Década**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2006. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/ck2pg/pdf/bastos-9788575413012.pdf>. Acesso em: 09 de set. 2021.

BERTOLI, Elberth de Oliveira Bertoli. Impactos socioculturais provocados pela epidemia HIV/AIDS e a pandemia do Corona Vírus/COVID em homens gays idosos. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 4, 2021, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

BORGES, Tyciana Paolilo. Estigmas relacionados ao COVID-19 e sua prevenção. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/T4XN6LgQrxQQ59tKJyKGDrh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.709 de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. Resolução nº196 de 10 de janeiro de 1996. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 1996; 4 (2 Supl):5-25. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html. Acesso em: 09 set. 2021.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; ROSA, Johnny de Moura. “OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 751-778, jan-mar de 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3175/12225>. Acesso em: 15 set. 2021.

COITINHO FILHO, Ricardo Andrade. (2020). “A (re)apropriação da categoria ‘grupos de riscos’ – da Aids ao COVID 19 – e a permanência do estigma sobre sujeitos em contextos pandêmicos”. In: **Boletim Cientistas sociais e o coronavírus**, n. 39.

CRUZ, E. A. da *et al.* Abordagem ética em pesquisas publicadas por um programa de pós-graduação e enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2005, v. 14, n. 1, p. 25-32. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/KBj4BSqSTNTTLwQxDsrkT7t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita Grin. **A antropologia e a velhice**. Textos Didáticos, 2ª ed., n. 1, v. 13, Campinas: IFCH/Unicamp, 1998, pp. 7-28. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275204/mod_resource/content/1/Debert%2C%20Guita.%20PRESSUPOSTOS DA REFLEXAO ANTROPOLOGICA S.pdf#:~:text=1%20%2D%20A%20velhice%20n%C3%A3o%20%C3%A9,uma%20categoria%20social%2D%20mente%20produzida](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275204/mod_resource/content/1/Debert%2C%20Guita.%20PRESSUPOSTOS%20DA%20REFLEXAO%20ANTROPOLOGICA%20S.pdf#:~:text=1%20%2D%20A%20velhice%20n%C3%A3o%20%C3%A9,uma%20categoria%20social%2D%20mente%20produzida). Acesso em: 09 set. 2021.

DOURADO, Simone Pereira da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, vol.29, p.153-162, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/169970/162659>. Acesso em: 15 set. 2021.

FERRAZ, Amélia Ricon. As grandes Pandemias da História. **Revista de Ciência Elementar**, Porto, v. 8, n. 2, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://rce.casadasciencias.org/rceapp/pdf/2020/025/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

FIGUEIREDO, Camilla; ARAÚJO, Mateus. **Sem dados do Censo, população LGBTI+ do Brasil continuará desconhecida por mais 10 anos**. Brasil de Fato. Pernambuco, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2021/02/24/sem-dados-do-censo-populacao-lgbti-do-brasil-continuara-desconhecida-por-mais-10-an>. Acesso em: 15 set. 2021.

FRASER, M. T. D. et al.. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Salvador, 2004, v. 14, n. 28, p. 139-152. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2021.

GOMES, H. V. et al. Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações Sociais acerca da velhice LGBT. **Psychologica**, [S. l.], v. 63, n. 1, p. 45-64, 2020. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_63-1_3. Acesso em: 08 de set. 2021.

HALBWACHS, Maurice. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 633 a 658, dez. de 2008. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/halbwachs_traducao.pdf. Acesso em: 09 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2015). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>. Acesso em: 09 set. 2021.

PINTO, A. C. S.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, N. F. C.; ALVES, M. D. S. Compreensão da pandemia da AIDS nos últimos 25 anos. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 45-50, 2007. Disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista19-1-2007/7.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

RIBEIRO *et al.* Os impactos da pandemia do COVID-19 no lazer de adultos e idosos. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456/19779>. Acesso em: 10 set. de 2021.

ROCHA, Maiko Soares da. **O estigma do HIV/AIDS associado à imagem do homossexual**. 2016. 41f. Monografia (Bacharel em Enfermagem) – Faculdade de Educação e Meio ambiente, Ariquemes, Goiás. Disponível em: <http://repositorio.fama.edu.br/bitstream/123456789/885/3/ROCHA%2C%20M.%20S.%20-%20O%20ESTIGMA%20DO%20HIV-%20ASSOCIADO%20C3%80%20IMAGEM%20DO%20HOMOSSEXUAL.pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A medicina e a influenza espanhola de 1918. **Tempo**, 2005, v. 10, n. 19, p. 91-105. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/NKD7ySCGFvVHcsMWWVb5cQH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 set. 2021.

SOUZA, Humberto da Cunha Alves *et al.* **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX, 2020. Disponível em: <https://www.ibdsex.org.br/wp-content/uploads/2020/09/SOUZA-Humberto-da-Cunha-Alves-de-JUNQUEIRA-Sergio-Rogério-Azevedo-REIS-Toni.-Ensaio-sobre-o-perfil-da-comunidade-LGBTI.-Curitiba-IBDSEX-2020.-Colecao-Livres-Iguais-3.pdf>. Acesso em: 08 de set. 2021.

TODXS. **Pesquisa nacional por amostra da população LGBTI+:** identidade e perfil sociodemográfico. São Paulo: TODXS, 2020. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/redes/valorizacao_diversidade/cartilhas/Pesquisa%20Nacional%20Por%20Amostra%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBTI%2B.2020.pdf. Acesso em: 08 set. 2021.